



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ARLEN MAIA DE MELO

**ALTERIDADE E LITERATURA: COMPREENSÕES SOBRE A PROPOSTA
ANTROPOFÁGICA OSWALDIANA**

Castanhal – Pará
2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ARLEN MAIA DE MELO

**ALTERIDADE E LITERATURA: COMPREENSÕES SOBRE A PROPOSTA
ANTROPOFÁGICA OSWALDIANA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua portuguesa) da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sylvia Maria Trusen como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado pleno em Letras – Língua Portuguesa.

Castanhal – Pará
2018

ARLEN MAIA DE MELO

ALTERIDADE E LITERATURA: COMPREENSÕES SOBRE A PROPOSTA
ANTROPOFÁGICA OSWALDIANA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua portuguesa) da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará sob orientação da Profa. Dra. Sylvia Maria Trusen como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado pleno em Letras – Língua portuguesa.

Avaliado em: ____/____/2018

Conceito:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sylvia Maria Trusen
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Orientadora

Profa. MSc. Merivânia Rocha Barreto
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Examinadora

"Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades.
Como poucos, eu amei a palavra liberdade e por ela briguei."
Oswald de Andrade.

*Dedico este trabalho de conclusão de curso
ao meu pai, Aldo Batista de Melo, minha mãe,
Valma Marília Maia Melo e ao meu
companheiro, Marcos dos Reis Batista.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele, eu não chegaria a lugar nenhum. Agradeço, ainda, aos meus pais, pelo incondicional apoio, financeiro, educacional e emocional. Agradeço ao meu companheiro, Marcos dos Reis Batista, pelo apoio concedido nos momentos mais difíceis de minha formação, por tudo que construímos nessa estrada louca da vida. Vocês foram essenciais para eu me tornar a pessoa que sou hoje e, por isso, sou eternamente grato...amo vocês!

A literatura sempre despertou-me um prazer imensurável, desde minha infância, nas conversas com os amigos de escola e, também, pelo incentivo dos professores que permearam toda minha trajetória estudantil. A partir do momento em que somos fisgado por ela, dispomos de uma companhia para todas as horas, e que de fato, nunca nos abandonará.

A possibilidade de poder vislumbrar horizontes infinitos no mundo da literatura encontrados nas páginas dos livros, fariam com que mais tarde a escolha convicta de trabalhar com a linguagem fosse priorizado de qualquer forma. E esta realização concretizada nestas páginas elaboradas com o sentimento de dever cumprido, demonstram a gratidão principalmente aos meus pais que sempre incentivaram-me a progredir com os estudos e apesar das dificuldades, sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me no que fosse necessário.

Agradeço, também, à minha orientadora, professora Sylvia Maria Trusen, por sua ajuda, suporte, atenção e paciência nesta etapa tão importante da minha vida. Responsável por intensificar o meu amor pela literatura através de suas aulas fantásticas e dos calorosos e animados encontros propiciados pelo grupo de pesquisa ALLIP, no qual estabelecemos parcerias que extrapolam os muros da universidade.

Agradeço aos meus amigos da Turma de Letras – Língua Portuguesa 2014.2, que nesses quatro anos, ensinaram-me o verdadeiro sentido da palavra AMIZADE, em especial Sara Coelho de Lima, Mayara Haydeé Lima Sena, Elaine Aragão da Silva e Sandro Gwen Veras de Oliveira, à vocês sou grato pelo suporte, paciência e pelos momentos difíceis e felizes que passamos juntos. Momentos esses, que sentirei muita falta. Espero sempre estar sintonizado com vocês! Estamos sempre juntos!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a proeminência da temática da alteridade e seus desdobramentos na obra *O Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade. Para isso, desdobra-se este objetivo geral em especificidades, sendo estas: a necessidade de reconhecer como se configura a relação desse outro/prisioneiro com a figura do sujeito selvagem; compreender a noção de alteridade e a proposta antropofágica na literatura modernista brasileira; refletir sobre o legado deixado pelos estudos modernistas de Oswald de Andrade e como eles se consolidam numa ressignificação atual do homem antropófago. O método utilizado para o desenvolvimento deste trabalho consiste em estudo bibliográfico. Para tanto, utilizam-se os trabalhos de Candido (1997), Fausto (2011), Kiening (2014), Nunes (1979), entre outros estudiosos. A contribuição modernista de Oswald de Andrade e sua produção no cenário literário brasileiro são importantes e significativas para o reconhecimento da identidade nacional. Com isso, a propagação do verdadeiro "homem antropófago" colabora com o pensamento de um Brasil do novo, moderno, e até mesmo, autêntico. Um país constituído pela diferença, mas que muitas vezes foi, e ainda é, marcado pela constante negação deste "outro".

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Antropofagia. Modernismo. Oswald de Andrade.

ABSTRACT

The present work has as objective to analyze the prominence of the thematic of the alterity and it is unfolding in the work *O Manifesto Antropófago* (1928), by Oswald de Andrade. For this purpose, this general objective is developed in specificities, namely: the need to recognize how the relation of this other / prisoner to the figure of the wild subject is configured; understand the notion of alterity and the anthropophagic proposal in the Brazilian modernist literature; reflect on the legacy left by the modernist studies of Oswald de Andrade and how they are consolidated in a current resignification of the cannibal man. The method used for the development of this work consists of a bibliographic study. This work uses the works of Candido (1997), Fausto (2011), Kiening (2014), Nunes (1979) among other scholars. The modernist contribution of Oswald de Andrade and his production in the Brazilian literary scene are important and significant for the recognition of the national identity. With this, the propagation of the true "anthropophagous man" collaborates with the thinking of a Brazil of the new, modern, and even, authentic. A country constituted by difference, but often it was, and still is, marked by the constant denial of this "other."

KEY WORDS: Alterity. Anthropophagy. Modernism. Oswald de Andrade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2 AS NOÇÕES DE ALTERIDADE E ANTROPOFAGIA: UMA INTRODUÇÃO AO PROBLEMA.....	11
2.1 A noção de alteridade.....	12
2.2 Antropofagia e canibalismo: algumas diferenças conceituais.....	13
2.3 A antropofagia na literatura e no pensamento contemporâneo.....	14
3 A SEMANA DE 22 E A PROPOSTA ESTÉTICA DE OSWALD DE ANDRADE: O MANIFESTO ANTROPÓFAGO.....	17
3.1 O modernismo e suas rupturas	18
3.2 Os manifestos de Oswald e a Revista de Antropofagia	21
3.2.1 O Manifesto Pau-Brasil.....	22
3.2.2 A Revista de Antropofagia.....	23
3.2.3Antropofagia Literal e Antropofagia Literária.....	25
4 A CONFIGURAÇÃO DA ALTERIDADE NO MANIFESTO OSWALDIANO.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LEGADO OSWALDIANO: A ANTROPOFAGIA NA ATUALIDADE?.....	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Alteridade e Literatura: compreensões sobre a proposta antropofágica oswaldiana*, surgiu a partir das leituras realizadas no âmbito do grupo de pesquisa Alteridade, Literaturas do Insólito e Psicanálise (ALLIP) coordenado pela professora Dr^a. Sylvia Maria Trusen. Resultado, também, do amadurecimento das leituras e dos estudos literários no âmbito do Curso de Letras (Língua Portuguesa) do Campus Universitário de Castanhal da Universidade Federal do Pará (UFPA). Assim, realizou-se o contato em sala de aula com os principais influentes do Modernismo brasileiro e dentre estes intelectuais, toma-se por destaque desta pesquisa o nome de José Oswald de Sousa Andrade, importante precursor e animador modernista brasileiro. O objetivo deste trabalho concerne em analisar a proeminência da temática da alteridade e seus desdobramentos no *Manifesto Antropófago* (1928) do autor modernista, Oswald de Andrade. Como objetivos específicos para esta pesquisa, espera-se:

- 1) traçar um panorama acerca da influência de Oswald de Andrade e sua importância para o modernismo brasileiro;
- 2) refletir acerca da noção de antropofagia e alteridade presentes no *Manifesto Antropófago* (1928) oswaldiano;
- 3) relacionar a temática da alteridade com a proposta antropofágica do modernismo brasileiro, e;
- 4) apontar possíveis ressignificações sobre o legado dos estudos de Oswald de Andrade e sua ressignificação contemporânea do homem antropófago.

Este trabalho divide-se em quatro seções: no primeiro momento, discorre-se acerca das noções de alteridade e antropofagia, destacando algumas diferenças conceituais e buscando compreender como a segunda – a antropofagia – foi introduzida na literatura e no pensamento contemporâneo. Posteriormente, traçam-se considerações sobre o evento da Semana de Arte Moderna de 1922 refletindo sobre a proposta estética de Oswald de Andrade em seu *O Manifesto Antropófago* (1928). Para compreender essas características, tratam-se aspectos acerca do Modernismo e suas rupturas, sobre a apresentação do *Manifesto Pau-Brasil* e, também, da *Revista de Antropofagia*. Busca-se, também, entender os estudos

contemporâneos sobre antropofagia literal e antropofagia literária e, por fim, realiza-se um estudo sobre a configuração da alteridade nos manifestos oswaldiano para averiguar a representação do outro na poética do novo mundo. Além disso, necessita-se observar o exercício da alteridade nos rituais antropofágicos. Conforme essas observações, se pergunta acerca do legado oswaldiano: e antropofagia hoje?

Por fim, nota-se, neste estudo, uma vasta abordagem acerca da noção de alteridade, bem como, as compreensões sobre antropofagia. Esses fatores impulsionam cada vez mais a consulta e a investigação sobre estudos de importantes teóricos que dialogam sobre essas temáticas. Para tanto, toma-se como base os trabalhos desenvolvidos por Candido (1997), Fausto (2011), Kiening (2014), Nunes (1979), entre outros estudiosos.

2. AS NOÇÕES DE ALTERIDADE E ANTROPOFAGIA: UMA INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

Nesta primeira seção a temática tratada será acerca das reflexões necessárias para se perceber e notar a problemática em questão. Com isso, apresenta-se uma perspectiva quanto a esses dois âmbitos ora tratados: alteridade e antropofagia.

De acordo com o pensamento de Christian Kiening "A alteridade se manifesta na mimese sempre 'como jogo de recíproca interferência e processamento que expõe a relação interativa com o outro'." (2014, p.66). Nesse sentido, convém salientar que há uma relação de dependência mútua entre o sujeito e o outro. Esta noção perdura e se ressignifica até a modernidade. Sendo assim: "A alteridade é um dos grandes temas da modernidade e da pós-modernidade. Como problemática básica do entendimento, da diferença e da transcendência, ela permeia a antropologia cultural, a filosofia e a sociologia." (KIENING, 2014.p.64-65). Em outras palavras, entender o outro em seus aspectos diferenciais desenvolve uma relação significativa de exercício constante da alteridade.

Seguindo o pensamento de Kiening (2014), é necessário pensar a alteridade como elemento plural. Sendo assim, convém inferir que ela está ligada com aquilo que é diferente, por assim dizer, "estranho". Com isso:

Em relação ao novo mundo, a alteridade (no singular) pode referir-se à indisponibilidade básica dos mundos e das formações de sentido; mundos e sentidos que são separados de nós tanto no tempo como no espaço. Também as alteridades (no plural) podem ser pensadas como pluralidades de formas do estranho e do desconhecido, no sentido das diferenças relacionais e flutuantes de diversos discursos históricos e de semânticas. (KIENING, 2014,p. 65)

Os estudos envolvendo a temática da alteridade são cada vez mais pertinentes para se entender essa relação outra que parte daquilo que é considerado estranho. Por conta disso, essa temática expande-se para tantas outras áreas de estudos que necessitam cada vez mais de investigação e pesquisa.

Partindo para outra terminologia, na qual este trabalho pauta-se, realizam-se apontamentos sobre a noção de antropofagia. Para compreender melhor seu conceito investigou-se sua significação dicionarizada. Com isso, o termo em questão é apresentado do seguinte modo:

antropofagia. [Do gr. *anthropophagía*; v. *antrop* (o)-, *fag* (o)- e *-ia*¹.] S.f. **1.** Estado, condição ou ato de antropófago. **2.** *Antrop.* Prática regular e institucionalizada de consumo de carne humana por seres humanos, ger. com caráter ritual; canibalismo. [Sin. ger.: *androfagia*.] (FERREIRA, 2009, p.154)

Após verificação de seu significado terminológico, avança-se para um entendimento mais aprofundado sobre este termo. Sendo assim, precisa-se recorrer aos estudos de cunho antropológico e histórico para obter-se uma compreensão mais precisa sobre o termo antropofagia, perfazendo uma visão mais problematizada do termo referido nesta reflexão ora tratada neste trabalho.

2.1 A noção de alteridade

A noção de alteridade apresenta várias configurações de acordo com a área na qual está inserida. Convém salientar que este conceito provém do campo filosófico, com o qual este trabalho dialoga. O termo alteridade refere-se, em síntese, na relação constituinte do outro. Sendo assim, verifica-se de acordo com o *Dicionário de Filosofia* que alteridade designa

ALTERIDADE (lat. *Alteritas*,). Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A Alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença. A diversidade pode ser também puramente numérica. (cf. ARISTÓTELES, *Met.*, IV, 9,1.018 a 12). Por outro lado, a diferença implica sempre a determinação da diversidade, enquanto a Alteridade não a implica. Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma Alteridade inerente ao próprio gênero: isto é, uma Alteridade que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso [...](ABBAGNANO, 2007, p.34-35)

A definição de alteridade é um conceito que diz muito acerca da relação do eu com o outro. Quando há o reconhecimento da figura do eu a partir do contato com o outro estabelece-se a alteridade. Com isso, a construção do eu somente é reconhecida através do contato com o outro, ou seja, com o que se pode chamar de 'diferente'.

2.2 Antropofagia e canibalismo: algumas diferenças conceituais

A Antropofagia caracterizou-se como um ritual bastante significativo na cultura de alguns grupos indígenas, principalmente nas civilizações latino-americanas. A antropofagia de acordo com Fausto (2011) se estabelece como absorção das qualidades do outro adquiridas como substâncias externas. Nesse sentido, a relação de alteridade pode ser evidenciada na prática ritualística, na medida que o praticante da ação aniquiladora exerce sobre sua 'presa' a função de destituído de sua subjetividade. Com isso, quando a presa era:

"[...] Capturado na guerra, ele era adotado pela família de seu futuro algoz, que o alimentava e protegia. [...] A condição social do cativo alterava-se, no entanto, às vésperas da execução, quando era reinimizado. Prendiam-no, separavam-no de sua família de adoção, faziam-no assumir novamente a posição de inimigo e o submetiam à um rito de captura. Por fim, era morto e devorado." (FAUSTO, 2011, p. 165)

A relação de sacralidade estabelecida nos rituais antropofágicos ressalta a seriedade a qual eram submetidos os indivíduos pertencentes à tribo e, nesse âmbito, o prisioneiro se encontrava aos cuidados dos membros responsabilizados na aldeia, até às vésperas do ritual de sacrifício. Nesta passagem de Fausto (2011) evidencia-se a importância da reflexão diante do ritual da antropofagia e apreendem-se detalhes dos procedimentos ritualísticos que eram realizados.

"[...] a antropofagia, mais do que fato institucional ou prática cultural historicamente datada, é um esquema relacional básico nas cosmologias indígenas: um esquema que não se limita à relação de predação entre humanos, mas se aplica à predação de todos os entes dotados de capacidades subjetivas. (FAUSTO, 2011, p.161)

No decorrer da celebração da ritualística antropofágica realizava-se uma espécie de banquete oferecido ao término do sacrifício do prisioneiro. Cada parte do corpo da vítima era destinada para um determinado grupo ou indivíduo da tribo. Sendo assim, esta relação de se alimentar do corpo alheio, resultava, de acordo com a crença dos povos indígenas, em absorção de suas potencialidades e subjetividades. Partindo dessa premissa, considera-se importante a averiguação da noção de alteridade constituída nesses ritos, pois está ligada às características

provenientes do outro, ou seja, as potências que estão fora, portanto, exterior ao sujeito e ao mesmo tempo atrelado e dependente do mesmo.

Diferentemente da noção de antropofagia, as práticas canibais caracterizam o ato de se alimentar de carne humana. Contrariando assim, o ritual antropofágico que remetia à extrema consideração, respeito e admiração pelo outro. Como averigua-se o termo no dicionário enciclopédico, "**CANIBALISMO** s.m 1. Estado de canibal; antropofagia. 2. Ato de canibal; antropofagia 3. Comportamento selvagem; ferocidade." (LAROUSSE, 2007, p. 217), o conceito de Canibalismo está atrelado à ideia de Antropofagia, porém, os preceitos sacros durante o ritual antropofágico vão muito além do ato prazeroso de consumir e/ou devorar carne humana.

2.3 A Antropofagia na literatura e no pensamento contemporâneo

As influências adquiridas pelos escritores e artistas modernistas através do contato com os ideais das vanguardas europeias, foi imprescindível. Principalmente nas experiências adquiridas por Oswald de Andrade em suas viagens à Paris, mantendo contato direto com as expressões artístico-literárias vigentes da época.

Oswald de Andrade absorveu consideráveis ideias partindo das vanguardas europeias durante todo seu trajeto, isso se uniu com a inspiração e com o espírito renovador do autor. Em vista disso, trouxe ao Brasil uma nova forma de expressão estética para a arte literária. A vontade de fazer algo novo, era a força motriz dos artistas da primeira fase modernista. Buscava-se, assim, romper com o tradicionalismo literário, para então, surpreender as perspectivas da sociedade da época, apresentando um estilo artístico livre dos métodos academicistas e, em muitos casos, considerados tradicionais.

[...] Predisposto a simpatizar com todas as rebeliões estéticas e a conhecer todos os programas de revolução artística e literária, Oswald de Andrade terá recebido as vibrações desse clima tenso, que lhe parecia o prolongamento das recentes escaramuças da Semana brasileira. (NUNES, 1979, p.11)

Essa vivência resultante das experiências adquiridas em suas diversas viagens à Europa, garantiram-lhe a designação de verdadeiro 'antropófago'. Isso se

constata pelo fato de Oswald de Andrade absorver muitos elementos presentes nas Vanguardas Europeias que vigoravam e foram, de certa forma, 'degustados'. Posteriormente, com sua chegada ao Brasil, o autor, juntamente com outros artistas e intelectuais pertencentes ao Movimento Modernista, tentaram criar uma Arte autenticamente brasileira. Para isso, decidem romper com os padrões estéticos estabelecidos na produção artística.

Conforme observa-se nas palavras de Nunes (1979) acerca desta influência direta com o as vanguardas europeias:

[...] a interferência das correntes européias no desenvolvimento do nosso Modernismo deu-se como um mal necessário, ou como uma espécie de ritual de passagem que a literatura brasileira teve de cumprir, antes de alcançar a normalidade da vida adulta. (NUNES, 1979, p.8)

Entretanto, alguns fatores estéticos provenientes das vanguardas modificaram-se e atingiram etapas diferenciadas no movimento modernista brasileiro. Sendo assim, as perspectivas adotadas foram diferenciadas de acordo com a percepção subjetiva dos autores e dos artistas. Percebeu-se, assim, um novo momento para o Brasil em vários aspectos, inclusive nas Artes. Assim, nota-se que os artistas modernistas buscavam uma identidade genuinamente brasileira para a Literatura e, conseqüentemente, apresentando algumas características, dentre elas, o coloquialismo usado no país, a busca por uma originalidade, o rompimento com os ideais tradicionais entre outras discussões de temáticas de cunho nacional. De acordo com Nunes (1979):

Será preciso não esquecer igualmente o quanto variou a atitude receptiva dos principais chefes do nosso movimento às mensagens teóricas e ao estímulos estéticos procedentes das metrópoles européias. Numa visão global da vanguarda de 22, pode-se dizer que o grau de receptividade e de resposta a esses estímulos e mensagens esteve condicionado aos diferentes momentos da dialética interna do Modernismo, segundo a ordem de seus problemas estéticos, sociais e políticos. (NUNES, 1979, p.9)

Esta diferenciação estilística é evidenciada na produção artística e na composição literária de grandes artistas e escritores do período Modernista. Nesse sentido, os intelectuais da Semana de 22 estavam preocupados com uma criação

artística inovadora, que privilegiava assim, as características nacionalistas. De certo, vários elementos presentes tanto na poesia como na prosa, por exemplo, remontam à rapidez da composição literária, apresentando movimento contínuo, rápido, como se o texto literário fosse uma engrenagem a todo vapor.

3. A SEMANA DE 1922 E A PROPOSTA ESTÉTICA DE OSWALD DE ANDRADE: O MANIFESTO ANTROPÓFAGO

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um movimento organizado por artistas e intelectuais brasileiros que buscavam romper com velhas formas e criar uma nova Arte. Dessa gênese artística, germinaria uma arte nova, ou seja, uma arte genuinamente brasileira. Conforme consta nos anexos deste trabalho, ver página 32, verifica-se a Arte divulgada para a *Exposição da Semana de Arte Moderna*.

Oswald de Andrade foi peça fundamental para firmar este ideal inovador, pois com sua experiência adquirida após o contato com as Vanguardas Europeias, permitiu-lhe agitar os pilares academicistas da produção artística. É no cenário paulista, precisamente no Teatro Municipal, que se inicia a Semana de Arte Moderna de 1922. As cortinas se abrem para um novo momento na literatura e nas artes como um todo, o sentimento nacionalista emana de maneira avassaladora, sendo o episódio tido como registro de um evento histórico. Observe-se sob a ótica de Raul Boop (2012), importante escritor modernista, relato sobre a amplitude tomada pelo evento no Brasil:

A agitação que resultou do Movimento Modernista de 1922 estendeu-se por todo o país. O seu ruído acordou o Brasil de um estado de estagnação. O ânimo de renovação liquidou não somente um passivo de ideias antiquadas que predominavam nas letras e nas artes, como chegou mesmo a influir na formação de um espírito novo que veio ocupar a nossa órbita política. (BOPP, 2012, p.81)

É com esse espírito inovador que se introduz o Movimento Modernista no país. A Semana de Arte Moderna foi um evento importante na promoção e enaltecimento das novas estruturas rítmicas, vocabulares e temáticas na literatura nacional. Nesse âmbito, teve início a construção de uma arte genuinamente brasileira buscando romper com o tradicionalismo e olhando para as características e realidades nacionais.

Na próxima seção se discutirá acerca das rupturas provenientes no modernismo brasileiro. Com isso, são realizados alguns apontamentos sobre os principais aspectos destacados na produção artística e literária, bem como, as influências decorrentes do contato com as Vanguardas Europeias. Essas

características estilísticas são fortemente evidenciadas na primeira geração modernista.

3.1 O Modernismo e suas rupturas

A amplitude e a diversificação dos aspectos que destacam a Arte e a expressão literária Moderna são elementos que fazem parte dos ideais proferidos pelos artistas modernistas brasileiros. Assim, o modernismo foi um movimento artístico cultural que repercutiu fortemente na sociedade na primeira metade do século XX. Tanto na Europa como no Brasil, este movimento desenvolvia-se sob a "desconstrução" da forma de correntes artísticas e literárias.

De acordo com o crítico literário Domício Proença Filho (1995), algumas características estéticas marcam a primeira fase modernista, sendo essas:

Ruptura com o passado, sobretudo com as tendências literárias imediatamente anteriores, como o parnasianismo [...]. Espírito polêmico e destruidor [...] Anarquismo [...]; Eleição do moderno como um valor em si mesmo.

Busca de originalidade, a qualquer preço. Luta contra o tradicionalismo.

Juizes de valor sobre a realidade brasileira. Valorização poética do cotidiano.

Nacionalismo xenófobo e intransigente. Procura de inspiração:

a) na marcha para o oeste (Movimento Verde-Amarelo, 1924);

b) na cultura provinciana de faixa litorânea com tradições coloniais (Pau-Brasil, 1924);

c) no Brasil pré-cabralino, no índio (Antropofagia, 1928). (PROENÇA FILHO, 1995.p. 346).

Foi um novo momento para o Brasil em vários aspectos, inclusive nas Artes. Como se pode ver nas características acima citadas, os artistas buscavam uma identidade brasileira autêntica para a literatura, através da linguagem coloquial usada no país, de temas nacionalistas e do cotidiano. Com isso: "Do ponto de vista estilístico, pregaram a rejeição dos padrões portugueses, buscando uma expressão mais coloquial próxima do modo de falar brasileiro[...]" (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.12)

Nesse momento, surgiu a primeira fase dos grupos de movimentos modernistas. Neste período, Oswald de Andrade publica *O Manifesto Pau-Brasil* e *O*

Manifesto Antropófago (1928), produções artísticas que vieram marcar a produção literária brasileira colocando em pauta a reconstrução estética no país.

Oswald de Andrade, rompe as “normas” da produção literária vigentes, traz em suas composições características bem próprias, como por exemplo, os poemas rápidos e curtos, chamados de poema-minuto, além de versos livres¹ e brancos². Essas características tanto na poesia como na prosa oswaldiana remetem ao novo, às premissas do modernismo brasileiro. A produção literária assume, principalmente, o caráter autêntico e transgressor dos moldes academicistas. Com isso, percebe-se que

Os modernistas de 1922 nunca se consideraram componentes de uma escola, nem afirmavam ter postulados rigorosos em comuns. O que os unificava era um grande desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academismo, a emoção pessoal e a realidade do país [...]”. (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.11-12)

A respeito dessas novas técnicas empregadas no texto literário do período modernista, podemos considerar que as influências atingiram várias camadas e com isso: “As inovações atingem os vários estratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas, léxicas e sintáticas do discurso.” (BOSI, 2013, p. 369)

Nota-se que na fase heróica, ou seja, na primeira fase Modernista, alguns escritores como Mário de Andrade, principiavam uma construção literária autêntica e inovadora que caracterizava a verdadeira forma de tessitura do texto, oriunda do inconsciente. Nesse sentido, o texto literário precisaria ‘fluir’ de dentro para fora. Esse pensamento remete à uma escrita considerada como autêntica na construção da poesia e da prosa. Com isso, este processo assimilava-se “a escrita automática que os surrealistas pregavam como forma de liberar as zonas noturnas do psiquismo, únicas fontes autênticas de poesia” (BOSI, 2013, p. 371)

¹ Conforme postula Proença Filho: “Verso livre não significa ausência de ritmo, mas criar ‘o ritmo a cada movimento’” (1995, p. 305), ou seja, versos sem rimas obrigatórias. assim, afirma, também Goldstein “Os versos livres não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, nem à presença ou regularidade de rimas. Esse tipo de verso, típico do Modernismo, vem sendo muito usado a partir da segunda década do século XX. Um poema em versos livres, cada verso pode ter tamanho diferente, a sílaba acentuada não é fixa, variando conforme a leitura que se fizer”. (2006, p. 49).

² De acordo com Goldstein (2006, p. 45) versos brancos consistem: “quando os versos obedecem às regras métricas de versificação ou acentuação, mas não apresentam rimas, chamam-se versos brancos”.

Oswald de Andrade realiza uma espécie de sátira à gramática brasileira, apontando-se que no Brasil escreve-se de uma forma e fala-se de outra. Nesse sentido, observa que o mito gramatiquero do português colaborou – e, até certo ponto, colabora – com outro mito, aquele que afirma “o brasileiro não fala português”. Desse modo, em sua produção literária, o autor enriquece sua crítica ao marcar evidentemente a brasilidade através dos registros da língua, principalmente no que trata das características da língua falada no país. Nesse sentido, o nacionalismo, também, é um aspecto marcante em Oswald de Andrade, ressalta-se em vários de seus poemas, como observa Candido e Castelo:

Mesmo quando não procuraram subverter a gramática, os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico, paralela à renovação dos assuntos. O seu desejo principal foi o de serem atuais, exprimir a vida diária, dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. Neste sentido, não apenas celebraram a máquina, como os futuristas italianos, mas tomaram por temas as coisas quotidianas descrevendo-as com palavras de todo dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que os seus antecessores abordavam as coisas mais simples. Daí tenderem por vezes ao estilo epigramático, à concisão elíptica, visando justamente a corrigir esta orientação monumental [...]. (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.12-13)

Oswald de Andrade vê a palavra como instrumento de análise:

Esta atitude no fundo é um desejo de retificação, de desmascaramento e de pesquisa do essencial; a ela se prende o nacionalismo pitoresco, que os modernistas alimentaram de etnografia e folclore, rompendo o nacionalismo enfeitado dos predecessores. No índio, no mestiço, viram a força criadora do primitivo; no primitivo, a capacidade de inspirar a transformação da nossa sensibilidade, desvirtuada em literatura pela obsessão da moda européia. (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.13)

A poética do referido autor é marcada pela valorização da cultura brasileira por meio da apropriação das vanguardas europeias e com isso atualizar as letras nacionais para construir uma identidade que apresentasse a pluralidade da brasilidade. Para ele, era necessário digerir a cultura estrangeira, recriando-a, em um modelo artístico/cultural nacionalista e inovador. Nesse sentido, Oswald de Andrade reproduz a cópia fiel do homem antropófago, aquele que devora a cultura que vem de fora para constituir a sua. Nessa perspectiva, Cruz (2012) afirma que

Toda viagem não deixa de ser uma viagem de exploração em maior ou menor grau. Aos olhos de Oswald de Andrade, tal aventura atlântica representou parte de toda sua obra, de certa maneira, embutida na memória do futuro escritor de romances. Em nenhuma das biografias estudadas há relatos de que Oswald de Andrade tenha 'anotado' em caderninhos ou em qualquer tipo de papel suas impressões de viagens. Elas ficaram eternizadas em trechos de poemas e em trechos dos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* ou o *Serafim Ponte Grande* (CRUZ, 2012, p.53)

Oswald de Andrade é a figura ideal do homem "Antropófago", ou seja, aquele que absorveu as ideias e noções artísticas concebíveis com o contato através das vanguardas europeias. Nesse sentido, verifica-se a construção de uma inovação, tanto na literatura, como nas Artes brasileiras.

3.2 Os manifestos de Oswald de Andrade e a *Revista de Antropofagia*

Os Manifestos dos autores modernistas surgiram paralelamente às obras literárias com o "desejo de explicá-las e justificá-las" (BOSI, 2013, p. 364). Nesse sentido, a importância destinada a estes documentos estabelecem uma relação direta com as publicações do período atribuindo-lhe uma relação de completeza significativa.

O famoso quadro pintado por Tarsila do Amaral intitulado *Abaporu*³ (1928) é um marco para a gênese do movimento antropofágico. Assim como, também, é a imagem destinada à capa da primeira 'dentição' da revista de antropofagia, publicada no mesmo ano. A obra foi destinada como presente para seu marido, Oswald de Andrade, na qual utiliza-o como inspiração e representação perfeita para o Movimento Antropofágico.

Para consolidar esta ideia, verifica-se este recorde de uma entrevista concedida por Oswald de Andrade para Eduardo Jardim de Moraes (1988), inserida no artigo *Modernismo revisitado* em que ele aponta algumas características que, segundo ele, expressam a verdadeira Arte brasileira.

Sinto-me encantado com estas paisagens, o verde destas árvores, as palmeiras, os bananais, tudo. Sinto-me brasileiro aqui. Aos pernambucanos compete trabalharem para que não desapareça, e, antes fulgure mais intensamente, o espírito de brasilidade. Veja as

³ Os elementos observados nas pinturas de Tarsila do Amaral retratam a brasilidade de forma autêntica. Encontra-se nos anexos deste trabalho uma imagem do quadro *Abaporu*.

cores destas casas antigas: excelentes; repare na pintura destas casas modernas: horríveis. Horríveis para nós, para o nosso ambiente. A arquitetura deve refletir a paisagem. A daqui apresenta tonalidades diversas, sedutoras, maravilhosas. Por que não aproveitá-la no cadinho da arte? Por que abandoná-la pela importação estrangeira? E não se pense que há incoerência nas minhas expressões. porque sou modernista. Sou-o sobretudo, por ser brasileiro. Quero, por isso, a formação de uma arte nacional, que se há de extrair, sem dúvida, da obra dos antepassados. Podemos muito bem construir um arranha-céu numa arte nossa, sem ser esta arquitetura de cartão postal que parece dominar o Brasil inteiro.' (MORAES, 1988.p.220-221)

Oswald de Andrade expõe assim o desejo de 'revisitar' os elementos nacionais que por muito tempo foram deixados de lado. Com isso, prevalecia a ideia de que a " Verdadeira Arte" era somente aquilo que emanava da Europa.

Este movimento consistia na apropriação do elemento estrangeiro, absorvido principalmente durante as viagens de Oswald de Andrade à Europa. Essa cultura estrangeira foi, de certa forma, "devorada" e ressignificada, tanto em seus aspectos artísticos como literários. Deu-se, assim, origem à uma nova cultura transformada, ou de certa forma, abasileirada, de premissa moderna e representativa da cultura autenticamente nacional.

O *Manifesto Antropófago* em suma, evoca a ideia dos índios canibais brasileiros, considerando à ela um caráter estético. Desse modo, a obra serviu como meio de ressignificar a cultura brasileira absorvida de outras culturas e tradições transformando-as em sua própria identidade.

3.2.1 O Manifesto Pau-Brasil

No ano de 1923 surge na cidade de São Paulo o movimento Pau-Brasil, liderado por Oswald de Andrade. conforme afirmam os críticos literários Antônio Candido e Aderaldo Castelo (1997).

Surge na mesma cidade o movimento Pau-Brasil, capitaneado por Oswald de Andrade, com Tarsila do Amaral e Paulo Prado. Era uma tomada de posição primitivista, à busca de uma poesia construída ingenuamente, de descoberta do mundo, da terra brasileira e da sensibilidade individual. Os seus produtos principais foram os dois livros de poesia e o manifesto de Oswald de Andrade, e em reação surgiu no mesmo ano outro movimento, o Verde-Amarelo, que opôs

ao primitivismo o nacionalismo, achando que aquele era, no fundo, uma atitude de inspiração francesa [...]." (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.18)

A proposta de Oswald de Andrade sobre o Manifesto Pau-Brasil consiste, segundo as palavras de Eduardo Moraes (1988):

O mesmo Oswald de Andrade fora quem, com o Manifesto Pau-Brasil, formulara pela primeira vez essa proposta de maneira articulada. Nesse texto vem expressa uma concepção do que é modernizar a arte brasileira de maneira própria, nacional. Para o manifesto de 24, como de resto para o conjunto do modernismo, a modernização da cultura só se viabiliza se estiver assentada em tradições nacionais caracterizadas enquanto populares. (MORAES, 1988.p. 221)

O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* deixa em evidência o desejo, tanto de Oswald, como dos intelectuais modernistas da época de elaborar uma literatura pautada no nacionalismo e romper com os padrões advindos da Europa. Nota-se em determinado trecho do Manifesto a sátira e ironia à esses moldes estabelecidos: "País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de náufragos eruditos. Onde a nunca exportação de poesia. A poesia emaranhada na cultura. Nos cipós das metrificações." (ANDRADE, 2017.p. 31)

Com o surgimento da corrente de antropofagia em 1928, provenientes da grande agitação causada na Semana de 22, tece-se novos rumos para as letras e artes nacionais. Assim, conforme Bopp (2012, p. 82) "Foi um movimento independente, burlão, negativista. Marcou época. Fez uma 'derrubada' impiedosa de figuras de mera casca literária, sem cerne. Sacudiu hierarquias inconsistentes".

3.2.2 A Revista de Antropofagia

O Antropófago é a imagem do outro, cuja humanidade é negada. Em seu *Manifesto Antropófago* (1928), Oswald de Andrade juntamente com Raul Bopp e Alcântara Machado desenvolveram a corrente antropofágica, na qual propuseram a reinterpretação moderna da cultura e das técnicas artísticas europeias. As reflexões desses autores foram apresentadas ao decorrer das suas produções na *Revista de*

*Antropofagia*⁴, editadas no jornal *Correio da Manhã*, distribuído na cidade de São Paulo (RUFINELLI; ROCHA, 2011).

Oswald de Andrade se apropria dos conhecimentos absorvidos em contato com as vanguardas europeias em suas viagens e apresenta um caráter simbólico, uma ressignificação para a identidade literária brasileira possibilitando o crescimento intelectual através dos recursos que vem de fora.

[...] O órgão do movimento foi a *Revista de Antropofagia* (1928-1929), que depois de ter sido publicação independente se tornou uma página do *Diário de São Paulo*, abrigando a colaboração de todas as correntes internas do modernismo. (CANDIDO; CASTELO, 1997, p.19)

Para verificar como se deu o envolvimento de Oswald de Andrade na *Revista de Antropofagia* destacamos os relatos da obra de Bopp (2012) que explicitam uma dedicação do escritor ao processo de construção da proposta antropofágica. Pelo fato de manterem contato e estarem na composição da revista, seus discursos sobre o processo inicial da proposta são pertinentes para se compreender o percurso do autor e a propulsão tomada nas “dentições” da revista.

As características referentes à estrutura do manifesto são traços que refletem a poética autêntica oswaldiana na medida que apresentam o uso recorrente de reticências, estrangeirismos, frases curtas; demonstrando, com isso, o rompimento com a linearidade. Por outro lado, o radicalismo em manter uma cultura literária, essencialmente, brasileira é deixado de lado quando se utiliza uma intertextualidade com a frase célebre de William Shakespeare “Tupi, or not tupi that is the question” (ANDRADE, 1928)

Oswald de Andrade destaca em seu *Manifesto Antropófago* a relação de proximidade entre todas as diferenças estabelecidas. Assim, a antropofagia muito mais do que um ritual, se configura como relação íntima em lidar com o outro.

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. [...]. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (ANDRADE, 2017,p.49-50).

⁴ Nos anexos deste trabalho, apresenta-se a capa da primeira “dentição” da *Revista de Antropofagia* (1928) de Oswald de Andrade.

Posteriormente, em outro fragmento de seu Manifesto, Oswald de Andrade destaca:

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas anteriores. (ANDRADE, 2017.p.53)

Diante desse fragmento, observa-se que segundo o autor, a antropofagia remonta à todos os elementos que constituem o pensamento humano. Tanto por fatores filosóficos, sociais e até mesmo religiosos. A Antropofagia é a expressão máxima do ponto de absorção de todos os elementos. Nela, e para ela, conduzem todos estes excertos do *Manifesto Antropófago*.

3.2.3 Antropofagia literal e antropofagia literária

As influências que levaram Oswald a criação de seus Manifestos, são semelhantes as obras de autores pertencentes as Vanguardas, conforme verifica-se:

Também não se pode esquecer que a maior parte das idéias de Oswald de Andrade provém, inicialmente, de uma mistura de futurismo, dadaísmo e 'espiritonovismo' como no nacionalismo de Pau Brasil, de 1924; e, depois, de outra mistura a que se adicionou uma pitada de surrealismos, como no Manifesto antropófago, de 1928, onde o seu sentido de antropofagia tem muito a ver com alguns textos de Marinetti, com a revista Cannibale e, poeticamente, com certas técnicas da poesia surrealista [...] (TELES, 1997, p. 33).

A antropofagia está atrelada a dois eixos, nos quais, são identificados o sentido literal, remetendo à crença indígena, e a designação literária que Oswald de Andrade propõe. Em relação ao sentido literal do termo, Fausto observa:

A explicação mais difundida sobre a antropofagia tupi é a de que, por meio da devoração, buscava-se incorporar as qualidades do inimigo. [...] A condição social do cativo alterava-se, no entanto, às vésperas da execução, quando era reinimizado. Prendiam-no, separavam-no de sua família e adoção, faziam-no assumir novamente a posição de inimigo e o submetiam a um rito de captura. Por fim, era morto e devorado. (FAUSTO, 2011.p. 165)

A ideia da absorção das qualidades do outro através da devoração, consistia no extremo respeito e consideração pelo prisioneiro, pois a partir desse âmbito suas potencialidades seriam adquiridas.

Por outro lado, a Antropofagia literária, proposta por Oswald de Andrade, consistia em exaltação da brasilidade, tal como ela é. Nesse sentido, a proposta oswaldiana tratada no *Manifesto Antropófago*, destaca um Brasil que por muito tempo, foi explorado, negado e invisibilizado tanto em seus fatores econômicos como culturais. Com isso, Fausto afirma que

Ao buscar navegar entre o nacionalismo regressivista e o mimetismo europeizante para construir uma literatura nacional internacional, ao visar um nacional por adição, a antropofagia modernista talvez tenha sido, de fato, fiel ao espírito do canibalismo tupi. (FAUSTO, 2011, p. 169)

Desse modo, ao observá-la em um contexto oswaldiano podemos considerá-la uma metáfora do outro que apresenta múltiplas significações. Em outras palavras, podemos resumi-la, sinteticamente, como uma imaginação teórica de apropriação da alteridade.

Nos estudos de Viveiros de Castro (2002) em *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*, pode-se notar que a prática de devorar carne humana, assim, remetia ao contato próximo com os deuses, uma ligação ritualística promovida pelo sacrifício humano e a distribuição do cadáver em banquetes cerimoniais demonstrava a união entre os membros daquele grupo social fazendo com que essa aproximação com o sagrado estivesse intrinsecamente relacionada com a crença de incorporação das potencialidades e das forças do inimigo.

Embora os estudos de Viveiros de Castro distanciem-se da abordagem oswaldiana, pois adquirem concepções Antropológicas, suas contribuições são fundamentais para entender as configurações ritualísticas existentes nas tribos indígenas. Numa perspectiva filosófica, Oswald trata o ritual indígena numa concepção autenticamente literária. Com isso, o sentido da antropofagia atribuído por Oswald de Andrade trata exclusivamente da absorção das potencialidades do outro.

4 A CONFIGURAÇÃO DA ALTERIDADE NO MANIFESTO OSWALDIANO

As divergências culturais coincidem a partir do estabelecimento das diferenças. Desse modo as diversas manifestações exercidas por determinadas culturas devem ser entendidas e valorizadas em sua singularidade.

A relação antropofágica na visão de Viveiros de Castro (2002) está inserida nesse intuito da absorção desses elementos perpetuados através da separação do corpo físico e do corpo espiritual. Há uma proximidade eufemista entre o encaramento da morte para os índios, nesse ponto, a incorporação do espírito humano em um corpo animal se dá através da hereditariedade propagada pela cultura indígena de que o espírito humano se perpetua em corpos outros.

O ritual antropofágico na cultura indígena se caracteriza a partir da personificação dos mortos em sua incorporação em determinado corpo vivo, sendo eles, elementos da natureza, animais, e o próprio homem.

Durante a ritualística de consumação do prisioneiro, era necessário sua familiarização como indivíduo pertencente aquele grupo social "tribo". A relação sacra estabelecida nos rituais antropofágicos ressalta a seriedade a qual eram submetidos os indivíduos da tribo. O prisioneiro se encontrava aos cuidados dos membros da aldeia, até às vésperas do sacrifício, quando então era solto e recapturado. Conforme aponta Carlos Fausto (2011), acerca da importância da antropofagia e do ritual que era realizado:

[...] a antropofagia, mais do que fato institucional ou prática cultural historicamente datada, é um esquema relacional básico nas cosmologias indígenas: um esquema que não se limita à relação de predação entre humanos, mas se aplica à predação de todos os entes dotados de capacidades subjetivas. (FAUSTO, 2011, p. 161)

Conforme Fausto (2011) Quando estava às vésperas do sacrifício, a presa era solta e capturada para só então, ser "degustada". A partir dessa convivência, estava por assim dizer, a completude do ritual. Em vista disso, as qualidades do outro estariam dispostas à serem absorvidas pelos indivíduos participantes do "banquete".

A alteridade constatada no ritual de antropofagia caracteriza-se por meio da relação estabelecida entre a vítima aprisionada e a comunidade indígena que absorve suas potencialidades. O ritual antropofágico na cultura indígena se caracteriza a partir da personificação dos mortos em sua incorporação em

determinado corpo vivo, sendo eles, elementos da natureza, animais, e o próprio homem.

A relação antropofágica está inserida nesse intuído da absorção desses elementos perpetuados através da separação do corpo físico e corpo espiritual. A familiaridade entre o paradoxo entre os mortos e os vivos se caracteriza numa rivalidade entre vivos ambos. Tratando especificamente do ritual, verifica-se que:

Apropriação de capacidades e perspectivas que, para se tornarem próprias, devem ser consumidas e familiarizadas. [...]
O objetivo do matador é, pois, tornar sua presa inconsciente, fazer com que perca consciência de si. Seu desejo é apropriar-se da perspectiva do outro e colocá-la sobre [sic] seu controle, torná-la outra consciência-de-si. (FAUSTO, 2011, p.168)

Há uma proximidade eufemistas entre o encaramento da morte para os índios, nesse ponto, a incorporação do espírito humano em um corpo animal se dá através da hereditariedade propagada pela cultura indígena de que o espírito humano se perpetua em corpos outros.

Diante da comparação à cadeia dos animais o homem está centrado numa diferenciação dos demais, por apresentar a capacidade de humanização adquirida pela sensibilidade ao semelhante de sua própria espécie. De acordo com Fausto: "[...] dentre todos os seres, os humanos são aqueles que mais claramente possuem, por assim dizer, os atributos da humanidade: ação, interação e perspectivas próprias" (FAUSTO, 2011, p. 161).

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. "Costumes de selvagem", "isso não é nosso", "não deveríamos permitir isso", etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.4)

A negação daquilo que é considerado diferente, portanto, elemento "outro" marginalizado. Torna-se fator "estranho", para esta ou aquela cultura que por ventura se chocam ou entram em conflito. Entretanto, somente quando entende-se que a noção da diferença torna-nos fatores do igual, é através desse

reconhecimento que a alteridade se evidencia. Nesse sentido, pode-se dizer que somos o (s) outro (s) de nós mesmos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LEGADO OSWALDIANO E A ANTROPOFAGIA NA ATUALIDADE?

Diante do que foi apresentado ao longo deste trabalho, compreende-se a importância destinada à figura de Oswald de Andrade, tanto como precursor do movimento modernista brasileiro, quanto produtor de uma literatura autenticamente nacional. A riqueza concentrada em suas obras desperta e instiga muitos ensaístas e críticos literários até os dias de hoje. Com base nessa afirmação, atribui-se a esta sessão o título *O legado oswaldiano: a antropofagia na atualidade?* - de maneira quase que antropófaga –, fazendo referência ao título do livro *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena* (2011), organizado com bastante afinco pelos professores Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha, que debucharam-se juntamente com pesquisadores de várias partes do Brasil para elaboração deste rico material onde reúnem vários trabalhos que abarcam a proposta do pensamento antropofágico oswaldiano.

Verifica-se, a partir da leitura destas pesquisas, a vivacidade literária deixada pelo poeta paulista em suas obras, demonstrando que seus trabalhos adquirem um valor resignificativo à cada leitura. Essa amplitude de significações atribuem um sentido inovador ao termo antropofagia, sendo este compreendido de acordo com os estudos de Rocha "como uma promessa de uma imaginação teórica da alteridade, mediante a apropriação criativa da contribuição do outro." (ROCHA, 2011, p. 648). Constatar essa relação de proximidade exercida entre o eu e o outro, implica justamente no fenômeno da alteridade. Com isso, ser antropófago em seu sentido metafórico, está relacionado às atividades diárias do ser, ou seja, na troca de experiências, vivências e comportamentos que necessariamente dependem do contato com o outro, o que é diferente e certamente exterior ao eu.

Esta pesquisa, que teve por objetivo analisar a proeminência da temática da alteridade e seus desdobramentos no *Manifesto Antropófago* (1928) do autor modernista, Oswald de Andrade, ainda necessita de investigações cada vez mais consistentes e que poderão ser sanadas em pesquisas futuras. É notório a

complexidade de se analisar esta obra, que foi e ainda é motivo de várias indagações pela crítica literária brasileira. Mais ainda é poder respaldá-la nos percalços da filosofia, história e antropologia, com os estudos mais aprofundados sobre a temática da alteridade e da antropofagia. Para compreender ainda mais a figura de Oswald de Andrade Assim recorre-se aqui as palavras de Antônio Cândido sobre o autor: "Oswald, ao contrário, era espontâneo e intuitivo , mentalmente brilhante , mas POUCO ordenado. Por isso nunca procurou domar racionalmente o jogo das contradições. Viveu com elas e elas formaram os dois blocos opostos a que aludi e indicam certa incoerência, que aliás parecia não perturbá-lo. Com sua enorme força de vida ele sempre arrastou tumultuosamente as contradições não solucionadas. (CÂNDIDO, 1944, p.2). Com este fragmento, percebe-se que Oswald abriu portas para muitas áreas de estudo, que até então caminhavam a passos lentos. Sendo assim, sua ousadia e espírito de irreverência tornou-o amado por uns e odiado por outros. Sua intencionalidade no fazer literário dentro do movimento, consistia na assimilação de outras culturas e não simplesmente copiá-las. Com isso, se faz necessário ressaltar a importância de colocar em pauta os estudos sobre a antropofagia na contemporaneidade, destacando sua grande contribuição no cenário literário brasileiro.

Podemos considerar Oswald de Andrade como um dos mais criativos artistas brasileiros de todos os tempos pois, sua produção revolucionou as artes no país. Ele coloca em evidência toda sua criatividade e criticidade em um cenário nacional novo com interesse pulsante na renovação da cultural brasileira. O estudo de sua poética reflete sua autenticidade enquanto escritor brasileiro, transgredindo normas, devorando as características artísticas do outro/ de fora e reconfigurando-a como autonomia artístico-literária nacional.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. In: Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo – 1ª e 2ª edições – 1928-1929.

_____. **Manifesto antropófago e outros textos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

BOPP, Raul. **Movimentos modernistas no Brasil – 1922-1928**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo. **Presença da literatura Brasileira: história e crítica**. 10ªed. revista. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Os dois Oswalds**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1944. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/itinerarios/article/viewFile/2405/1944>. Acesso em: 15 Jun 2018.

CRUZ, Benilton. A tipologia do viajante Oswald de Andrade em 1912. 49.ed. **Rev. Let**, São Paulo, v.52, p.47-57, jul/dez 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/5403/4875>. Acesso 30 maio 2018.

LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

FAUSTO, Carlos. Cinco séculos de carne de vaca: Antropofagia Literal e Antropofagia Literária. In: RUFFINELLI, Jorge; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs). **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena**. São Paulo: É Realizações, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ed. Curitiba:Ed. Positivo, 2009.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. 14. ed. rev. at. São Paulo: Ática, 2006.

KIENING, Christian. **O Sujeito Selvagem: Pequena Poética do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. 5. ed. São Paulo: Presença, 1996.

NUNES, Benedito. **Oswald Canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979

MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo revisitado. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 220-238, dez. 1988. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2165/1304>>. Acesso em: 17 Jun. 2018.

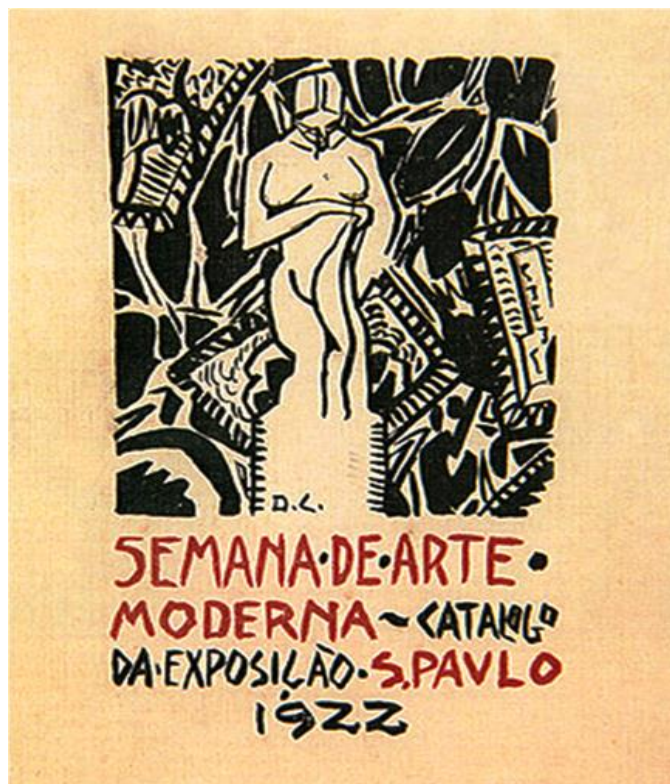
RUFFINELLI, Jorge; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs). **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena**. São Paulo: É Realizações, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

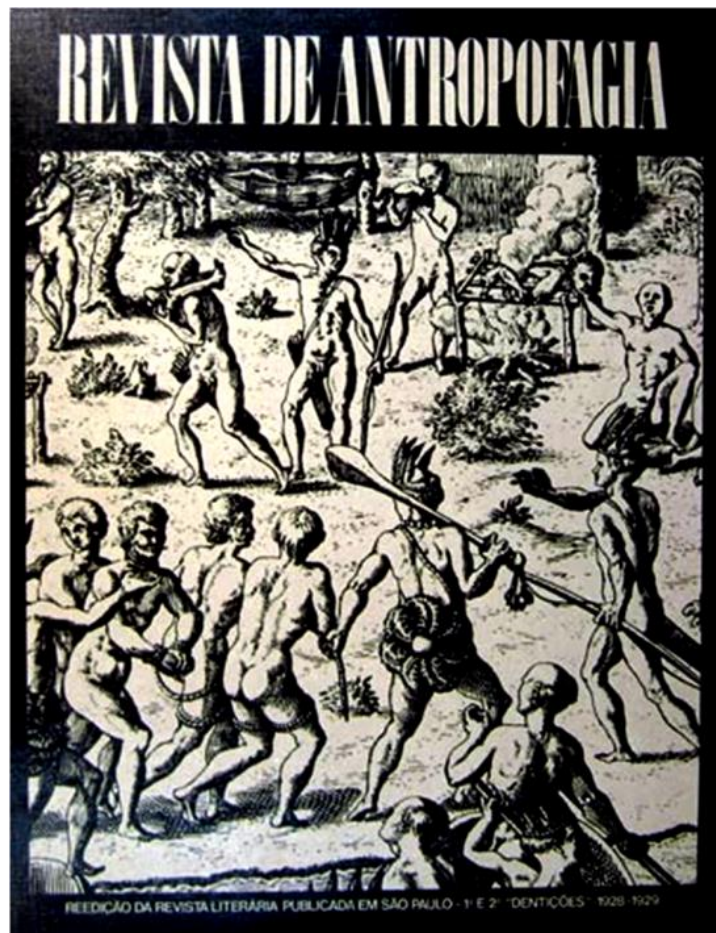
ANEXOS

Anexo 1 – CARTAZ DA SEMANA DE ARTE MODERNA 1922



<https://escolaeducacao.com.br/semana-de-arte-moderna-de-1922/>

Anexo 2 – CAPA DA REVISTA DE ANTROPOFAGIA



<https://sebodomessias.com.br/revista/diversos/revista-de-antropofagia-1-e-2-%22denticoes%22-reedicao-1.aspx>

Anexo 3 – QUADRO ABAPORÚ



<https://www.incinerrante.com/manifesto-antropofago-devoragem/>

Anexo 4 – O MANIFESTO ANTROPÓFAGO (1928)

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é ineu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferocemente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos traficados e pelos toureiros. No pulc da coira grande.

Foi porque nunca tivemos gramaticas, nem coleções de velhos vegetes. E nunca soulemos o que era urbano, suburbano, fronteirizo e continental. Preguicemos no mappi mundi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palhavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficaçes na direção do homem. Sem nos a Europa não teria sequer a sua

polvre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filhação. O contacto com o Brasil Carahiba. *Où Villeganhon print terre.* Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao barbaço technizado de Keyserling. Caminhámos.

Nunca fomos cathechizados. Vivemos através de um direito sonambuloso. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da logica entre nós.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança. A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetes. Em communicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Pingido de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o comunismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notiti Notiti Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabíamos transport o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Gaili Mathias. Com-o

Só não ha determinismo - onde ha mysterio. Mas que temos nós com isso?

Manifesto Antropofago

Contra as historias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos missionarios, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú — E a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Inceado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tinhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tidiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tedio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorancia real das coisas + falta de imaginação + sentimento de authority ante a procurosa.

E' preciso partir de um profundo ateismo para se chegar a idéas de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Antos da Quela. Depois Moyses divisa. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o indio de tocheiro. O indio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medeiros e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralyas. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Côte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Inceado e a Creatura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males cathechistas. O que se dá não é uma sublimação do instincto sexual. É a escala thermometrica do instincto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianizados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Archiceta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciarías do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga. ALMO 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.



Desenho de Tardio 1928. De um grupo, foi levantado na sua primeira exposição de Junho na galeria Pinardi, em Paris.

<https://www.incinerrante.com/manifesto-antropofago-devoragem/>

Anexo 5 – O MANIFESTO PAU-BRASIL (1924)

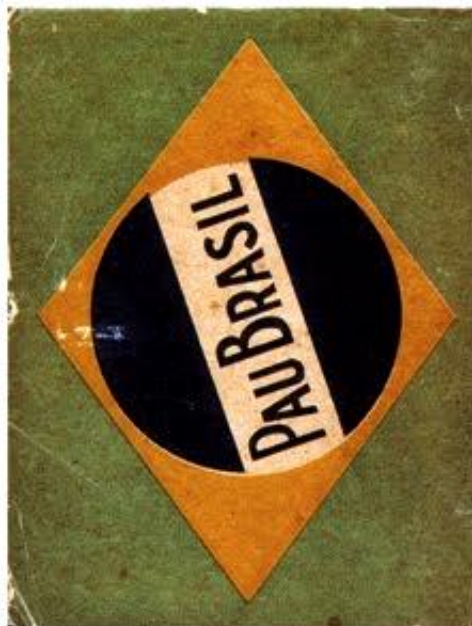


Ilustração de Tarsila do Amaral para a
capa do livro de Poemas Pau Brasil,
lançado por Oswald em 1925

Disponível em: <http://marcosdotempo.blogspot.com/2010/03/manifesto-pau-brasil.html>. Acesso 15 Jun 2018.

Anexo 6 – PREPARO E CONSUMO DA CARNE HUMANA



Figura 7 – Theodoro de Bry. *Preparo e consumo da carne humana assada no moquém. Americae Tertia Pars. Gravura em cobre. Frankfurt, 1592.*⁴⁸

Anexo 7 – CENA DE CANIBALISMO



Fonte: Theodor de Bry. Cena de canibalismo, a partir da "Americae Tertia Pars", 1592. Gravura colorida. Service Historique de la Marine, Vincennes, France⁵.

⁵ Fonte: Disponível em: <https://lume-re-demonstracao.ufrgs.br/imagens-para-pensar-o-outro/1-recursos.html>. Acesso em 20 mar. 2018.